



PARA BRUNO FUNCHAL, a causa dessa queda foi uma sequência de decisões erradas tomadas pelo governo federal

Economia tem o maior tombo em 25 anos

O Produto Interno Bruto fechou 2015 em R\$ 5,9 trilhões, uma queda de 3,8%, registrando o pior resultado desde 1990

Gilberto Medeiros

A fraqueza da economia brasileira foi confirmada ontem com a divulgação da queda de 3,8% no Produto Interno Bruto (PIB) em 2015 sobre o ano anterior. Com isso, fechou em R\$ 5,9 trilhões, na maior retração desde 1996, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mudou o método da contagem.

Pela metodologia anterior, a situação mostra-se ainda pior, pois a queda é a maior desde 1990 (-4,3%), quando o governo confiscou a poupança dos brasileiros.

O PIB é a soma de todas as ri-

quezas produzidas por um país. Os números dos estados não foram divulgados.

Com a redução das atividades econômicas vieram o aumento do desemprego, com a perda de 40 mil postos de trabalho no Espírito Santo, e consequente redução da massa salarial.

As maiores quedas foram sentidas na indústria (-6,2%), seguida pelo setor de serviços, com -2,7% (primeira vez que apresenta recuo desde 1996).

A agricultura cresceu 1,8%, mas não foi o suficiente para segurar a retração na economia.

CONSUMO

O analista socioeconômico do IBGE, Rodrigo Ventura, explicou que, além da queda na produção, também influenciou a diminuição do consumo.

“A redução do PIB foi puxada pela queda no consumo das famílias (-4%), governo (-1%) e, sobretudo, dos investimentos, que caí-

ram 14,1% em 2015, a maior retração dessa série histórica”, alertou.

Doutora em Economia e especialista em Economia Internacional e Economia Capixaba, Arilda Teixeira disse que a queda do PIB significa “menos produção, menos emprego, menos renda e redução do bem-estar social”.

“Os principais motivos são a queda do preço de produtos como minério de ferro, petróleo e outras atividades extrativistas. Depois, uma onda de pessimismo que diminuiu o volume de investimentos. E a deterioração do ambiente econômico, mais inflação, descontrolado das contas públicas e baixa qualidade do serviço público”.

Já o economista Bruno Funchal afirmou que a causa dessa queda foi uma sequência de decisões erradas do governo ao longo dos últimos oito anos.

“Inibiram investimentos, seguraram os preços da energia e depois soltaram de uma vez, o que estourou em 2015”.

SAIBA MAIS

Como o PIB afeta a vida do brasileiro?

Desemprego

> **A QUEDA** nas atividades da economia aumenta o desemprego, reduz a massa salarial, faz cair o consumo das famílias e algumas empresas podem falir e encerrar as atividades definitivamente. Em 2015, 40 mil capixabas perderam o emprego.

> **MICROEMPRESAS** somam mais de 95% das empresas brasileiras (são os salões de beleza, lanchonetes, papelarias, entre outras) e foram as mais afetadas. No Estado, 4,8 mil fecharam as portas em 2015.

> **INVESTIMENTOS** são cancelados, empresários reduzem a contratação e quem perdeu o emprego em 2015



PRODUÇÃO industrial: desemprego

pode não recuperar neste ano.

> **PODE PIORAR**, pois segundo o presidente do Conselho Regional de Economia, Eduardo Araújo, 2016 já foi contaminado. “A retração da economia deve se repetir, com uma queda de 3,4% do PIB. A crise já está contratada para este ano”, disse.

> **A POPULAÇÃO** cresce cerca de 1% ao ano, o que, segundo Araújo, faz a queda do PIB ser ainda pior para a economia brasileira.

> **A RECUPERAÇÃO** econômica, após uma queda de 3,8% em 2015 e uma provável queda de 3,4% em 2016, segundo o economista, “pode ser muito lenta e só no final de 2017”.

Indústria capixaba cresceu

Na contramão da redução de 3,8% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2015 sobre o ano anterior, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ontem, a indústria capixaba apresentou aumento na produção no ano passado.

Segundo o presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), Marcos Guerra, o aumento foi de cerca de 3%.

Ele disse que as inaugurações de 2014 seguraram a indústria capixaba em 2015.

“Nós tivemos as maiores inaugurações a partir de 2014 e isso ajudou 2015. Inauguramos a quarta usina da Samarco em abril 2014, a oitava usina da Vale no segundo semestre, o retorno do terceiro alto forno da ArcelorMittal no final do ano, a fábrica da Marco Polo em setembro. Ano passado pegamos impulso nas várias inaugurações”, analisou o presidente da Findes.

Para este ano, Marcos Guerra não está otimista. “O Espírito Santo teve resultado positivo ano passado, mas não vai repetir em 2016, mesmo que a indústria brasileira venha a crescer”, alertou.

“A crise vai passar, mas não vai ser daqui a 60, 90 dias. Ainda acho que o epicentro vai ser o final de 2016 e o ano de 2017 vai ser ainda muito difícil”, alarmou.

SETORES

Apesar do crescimento registrado pela indústria, a situação da economia em 2015 não foi favorável para os setores de comércio e serviços e para o agronegócio no Espírito Santo.

O presidente da Federação do Comércio (Fecomércio-ES), José Lino Sepulcri, considerou 2015 como o pior ano da última década.

“Ano passado tivemos em torno de 4,8 mil empresas encerrando atividades, reduzindo o emprego e o poder de compra das famílias”.

Na agricultura, algumas áreas mantiveram o equilíbrio, mas a conta geral deu negativa, cerca de 1% a menos que 2014. E poderia ter sido pior, contou o secretário de Estado de Agricultura Octaciano Neto.

“A perda de produção foi muito relevante, mas a alta dos preços ajudou a equilibrar um pouco”.



JOSÉ LINO SEPULCRI considerou 2015 como o pior ano da última década

União diz que vai retomar crescimento ainda este ano

BRASÍLIA

Diante da confirmação de retração do PIB no ano passado, o Ministério da Fazenda afirmou, por nota, que a economia poderá voltar a crescer ainda neste ano.

“A economia poderá se estabilizar no 3º trimestre e apresentar crescimento positivo a partir do 4º trimestre deste ano”, diz a nota.

De acordo com a Fazenda, entre os fatores que mais influíram para esse cenário estão: queda no preço das commodities, crise hídrica e problema de abastecimento, desinvestimentos da cadeia de petróleo, gás e construção civil, realinhamento de preços relativos na economia e ajuste macroeconômico.

A aposta do ministro Nelson Barbosa para recuperação neste ano se baseia na crença de que esses fatores não devem se repetir “na mesma intensidade” em 2016.

A retração do PIB decorreu da contribuição negativa da demanda doméstica de 6,5%, enquanto a demanda externa contribuiu com crescimento positivo de 2,7%. “O desafio do crescimento é recuperar a demanda interna. Nesse sentido, o governo tem realizado uma série de iniciativas que permitirão a retomada do crescimento e estabilização da renda e do emprego”.



NELSON BARBOSA: recuperação